

Declaratório do Humano *Eticofágico*

Cláudio de Moraes Maia

Universidade Católica de Brasília (UCB)

Que é este *ente*, pois que se sente!

Que é este *ente*, pois que se cogita!

Mas que é; se sente fome e sede? O que pode; se faminto e sedento? Que é este *ente*?

Este diverso, que cheira, denteia, escuta, tateia, enxerga. Desenvolto, nas intempéries do tempo! Limitado, pelas arestas das áreas! Sôfrego, pelos contrastes tão próprios de sua multiplicidade naturalizada e não naturalística!

Que é este ditado *ente* – humano? Que é este negado *ente* – animália?

Se humano e animália, criado? Se animália e humano, surgido?

De *Eros*! De *fago*!

Tendo diviso, *anima animus*? Tendo diviso, *kleitorís phallós*?

E se, *anima* rija erétil *phallós*; e se ainda, *animus* rija erétil *kleitorís*?

Maldito diviso advindo, que tem fome e sede!

Mas que fome, que sede? Que come, que bebe para saciar? Comer e beber o quê?

Pois que, crista animália, de testa ossuda, donde nascem os lisos ou crespos pelos; que, por ânsia, são raspados, cortados, penteados, por quererem seduzir, tontear, sorver, sugar; já que, por inação ou repressão, dominam contendo a *si* – mutilam-se – imolam-se – para não extravasarem, extrapolarem seu gosto tara, sua vontade fome, de subjugar, devorar...

Pois que, loca humano de testa carnuda, donde nascem os lisos ou crespos pelos; que, por paixão, são raspados, cortados, penteados, por quererem seduzir, turvar, absorver, lambar, já que, por euforia ou tristeza, domina contendo a *si* – ilude-se – engana-se – para extravasar, extrapolar seu gosto desejo, sua vontade apetite, de apropriar, introjetar...

Donde unificar o que é extrínseco no intrínseco, e o que é intrínseco no extrínseco! Tornar único em um todo o indissociável?

Pois que o extrínseco é do intrínseco, e o intrínseco é do extrínseco. E isto é *pessoa*.

Mas, este *ente* é diviso, eis porque baldeia, banqueteia, dia e noite, vezes e vezes! Mas jamais sacia. Mais, jamais faz conta. Mais, jamais faz juízo. Tudo lhe é comível, mas

nada lhe sustenta, mesmo apesar de engolido, mesmo apesar de digerido, pois crê tudo sempre expelido, por juras mecânicas – vaporosos – suspiro e ventosidade – massivos – excremento e fluido.

Disto que seu sentido e essência são comida! Que hora alimenta e nutre, causa saúde e vigor. Que hora exaure e desvitaliza, causa cólica e cólera.

Em *ato*: comem-se uns aos outros e uns e outros comem a si mesmos, disputam cada tico, cada bocado, de cada gomo, de cada gema, de cada bago. Não saciam.

Em *corpus*, *kleitorís* come *phallós*, *phallós* come *kleitorís*, *kleitorís* come *kleitorís*, *phallós* come *phallós*, *phallós* come a *si*, *kleitorís* come a *si*; *kleitorís* não come; *phallós* não come; ambos morrem de fome!

Em *daemon*, *anima* come *animus*, *animus* come *anima*, *anima* come *anima*, *animus* come *animus*, *animus* come a *si*, *anima* come a *si*; *anima* não come; *animus* não come; ambos se extinguem!

Maldito diviso *ente*! Que sempre desesperado, lastima o universo, e nele avista paisagens, e pretende mundanas moralidades das quais se determina capaz para adotar, tamanha é sua gula e satisfação na comida.

Maldito diviso *ente*! Que sempre perplexo, contempla o etéreo, e nele avista miragens, e pretende divinas virtuosidades das quais se constrange incapaz para adotar, tamanha é sua gula e satisfação na comida.

E desta sua ambiguidade, motivada pela fome, é que assevera do seu *corpus* e do seu *daemon*; e por este tanto, desdenha de sua naturalidade e proclama sua naturalização. Funda, deste modo, sua religião. Erige em razão disto sua igreja, estabelecendo os dogmas do *corpus* e do *daemon*. Ao que, por saber ser o *corpus* quem come, faz deste o mecanismo de sua autossalvação e estatui que seja pela comida que sua vida tem sentido. E também por saber ser o *daemon* que sente fome, faz deste o mecanismo de sua perdição e estatui que seja pela fome que sua vida perde o sentido.

Mas de fundo sabe por *si* próprio ser *corpus-daemon*, não podendo, por aquela astúcia, salvar-se de *si* mesmo, “é um só todo” – animália-humanado – apesar de que negue que aquele que come é aquele que sente fome, pois, quem come, come porque sente fome, quem sente fome come; não há quem não sinta fome, todos têm fome, todos comem. E esta é a razão de não poder condenar e extirpar de *si* polarmente o *daemon*; apesar disto, permite-se ser cobiçoso, e por gana, quer necessário negá-lo; pois que assim pode prevalecer-se e desvincular-se de todos os outros seres que não lhe são semelhantes e presente existir, pois quer proteger-se da escassez de comida. Assim compreende quanto ao *daemon*, que deve apenas sublimá-lo e, para tanto, gera sua imagem diametralmente oposta, que não sente fome, que é *per si* plena e suficiente – divina. E considera que, para poder relacionar-se com tal *ente* divinal, basta-lhe agora inspirar-se no divino, para que, por este meio, justifique sua comida! Eis que sacraliza o *ente* divinal personificando-o à sua própria semelhança, pois como negar o imaterial, se tal forma nos é reconhecível. Então é pela aparência que Deus é gerado, e nisto está implícito o vínculo entre o surgido e o criado, entre o existente e o antes não existente – dando sentido à vida – de não sentir fome.

Assim, em sua astúcia, é que ousa crer-se refletido! Ousa mais ainda, e não admite mais ser animália, e crê ser apenas humanado – pois que deste modo jurígeno

advém sua identidade sacralizada – verdade *religiofágica* – bendita unidade, que sagrada é legítima; e faz com que volte a ser *uno* – pessoa.

Pessoa que agora tem o *poder*, pois que reconhece a *si* mesma, por conhecer sua identidade, que sabe estar justificada, pois que o sentido de sua vida-existência é desenvolver-se a *fim* de suprimir a fome, o que o torna *digno*; noutra palavra, o faz ter o *direito*. E, para tanto, tem o direito de comer, para sobreviver, ou seja, não sucumbir à fome, tem o direito de evoluir, ou seja, deixar de ter fome; e com isso não é mais *daemon* e sim é *spiritus*.

Spiritus que atua no mundo em razão de sua natureza unificada; cuja força é saciedade, que é realizada no ato de comer, que ora passa a ser alimentação.

Deste modo, a alimentação é a forma purificada do sentido da vida que propicia à pessoa todos os meios de vivência e de vitalidade, e esses se tornam seus *bens*, o *fim* em *si* mesmo, o *bem* supremo! Esta é a sua política.

E é então para garantir sua saciedade que toda pessoa passa a legislar, construindo, tanto pela disputa quanto pelo acordo, o ordenamento legal que pacifica o valor do *bem* supremo, além de tudo aquilo que tende a este *bem* como útil, a fim de haver segurança e garantia de alimentação para todos aqueles que, por semelhança, se reconheçam como pessoas. Funda-se o governo cuja função é a produção de comida, e a responsabilidade é a divisão da comida produzida, sua garantia e segurança. Eis o modelo do humano *eticofágico*; a ideação daquele sentido estruturante com vistas a *devir* por medidas culturalistas segundo a *moralis* germe da *respublica*.

E que ao nosso tempo está perpetuado, pelo *continuum* – da gana perpassada no culturalismo enquanto perdura a natividade dos comíveis em razão da inexorável falência da pessoa humanada – pela morte de sua porção *corpus*; o que é economia.

Mas tamanha é sua gula e satisfação na comida que, sabendo sua porção *spiritus* – sagrada – em relação reflexiva com Deus – o divino refletivo, é que transcende a existência no mundo e assevera a imortalidade do *spiritus*, e assim protesta e faz persistir o seu direito à alimentação, visto não ser só *corpus*, mas também *spiritus*, ser *corpus-spiritus*; ao que, mesmo não podendo sorver por *si* mesmo, dada a morte daquele que come, o faz através de sua descendência, que herda o direito em conseqüente acumulação - eis o princípio da propriedade. Princípio que fecha a circunferência existencial do humanado; redundando na noção partidária e contraditória de *família*, uma aberração particularista.

Pois que o *eticofágico* é comedor, e tudo é comível, pois toda comida está a seu favor. E quando ademais algo esteja fora do seu alcance, o *eticofágico* deve mover-se a *fim* de apreendê-lo, de conquistá-lo, de tomá-lo, pois disto depende sua evolução, a prevalência de sua força, sua inequívoca nutrição, causa única de sua saúde e vigor.

Assim, comer é *bem* necessário, comer pelo cheiro a comida, comer pelo gosto a comida, comer pela beleza a comida, comer pela riqueza a comida. Comer pelo valor da comida, eis a sentença terminativa restritiva ao humanado. Além dessa, quem comer mais exaure a comida, se exaure na comida! Desvitaliza seu organismo pelo excesso que não pode processar, não pode consumir e não pode expelir, acumulando tudo que engole nas câmaras viscerais, nos mucos, nas cavas em meio às carnes, passando a sofrer das muitas cólicas que o fustigam, adoecem e matam. Torna-se bestial.

Se por liberalidade a pessoa extravagante permite-se as muitas viciações da gula, ao que passa a ser fera devoradora – besta – que tudo quer engolir e expelir, nunca haverá de dominar-se, será sempre faminta e desejante, terminantemente não se salvará.

E disso provem toda impropriedade da viciação, que não resulta em nada de bom, que pelo excesso não é *bem*, e sim é mau – malefício.

Portanto, toda comida é um dom, virtude necessária à vida e à existência, que toda pessoa *deve* apreender em medida suficiente para a satisfação de suas porções animália e *daemon-spiritus*, nutrindo-as e vitalizando-as como condição primeira de sua existência e permanência neste mundo.

O cultivo dos comíveis, o cozer dos comíveis, e o bem comer-sorver são arte. Arte que garante uma boa vida. Uma vida virtuosa.

Assim, o *ente eticofágico* é pessoa – animália-humanada – que está no pleno domínio de seu *corpus* e *daemon-spiritus*, vivenciando e vivendo o *bem* comer-sorver segundo a virtuosidade do engolir, que é o seu sentido primeiro e a razão primordial.